



VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: FENÔMENO ANTIGO, IMPLICAÇÕES ATUAIS

Mirian Rocha dos Santos¹; Sandra Márcia Campos Pereira ²,
Isabel Cristina Rodrigues Brito da Silva ³

1 Mestranda em Ensino na UESB e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Gestão da Educação Básica – GEPPEB,

2 Doutora em Educação Escolar pela UNESP; Coordenadora do PPGEn-UESB; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Gestão da Educação Básica – GEPPEB,

3 Doutoranda em Ensino da RENOEN e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Gestão da Educação Básica – GEPPEB.

Resumo

A violência no contexto escolar não é uma temática recente, mas continua sendo um desafio para as instituições educacionais, colocando em cena a atualidade e urgência de discussões, pesquisas e políticas públicas para compreensão e busca de solução deste fenômeno. Este artigo busca discutir o fenômeno da violência no contexto escolar e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem. Por meio de uma revisão bibliográfica, o texto apresenta reflexões em torno dos diferentes tipos de violências que se encontram no contexto escolar e apresenta, com base nos textos estudados, possíveis caminhos e estratégias de enfrentamento das mesmas.

Palavras-chave: Escola; Ensino; Aprendizagem; Educação.

Introdução

O fenômeno da violência no contexto escolar não é uma problemática recente, ao longo da história da educação e dos sistemas de ensino, é possível identificarmos diversos relatos, experiências e acontecimentos que se tratam de manifestações de violência, de naturezas e motivações diversas no âmbito das instituições de ensino. Compreender o que é o fenômeno da violência no contexto escolar e quais suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem, é uma questão que tem permeado reflexões sobre a educação e a escola e que nos guia neste trabalho.

A priori, a escola deveria ser um espaço seguro, no qual os diversos sujeitos que a compõem partilham e adquirem novos conhecimentos, sem que haja perigo de quaisquer danos ou prejuízos aos mesmos. Infelizmente, nem sempre esse é o cenário vivenciado nas instituições, as violências adentram o espaço físico da escola e provocam prejuízos diversos aos seus usuários, sejam eles físicos ou emocionais.

Nesse sentido, é importante ter em mente que o termo violência adquire inúmeros significados e sentidos ao longo do tempo e de acordo com as sociedades, conforme destaca Abramovay e Castro (2006, p. 14), “as concepções acerca do que é violência variam de acordo com os grupos sociais que as constroem, as circunstâncias nas quais são acionadas e a que situações se referem”.

Conforme abordado pelas autoras, a violência é provocada por diversos fatores e como um somatório de desigualdade, negações de direitos e ausências infinitas. Assim, a escola acaba por refletir ou se tornar um dos espaços no qual as carências e mazelas sociais são intensificadas, visualizadas com maior atenção, já que é comum se ter uma ampla divulgação na mídia para os casos de violência, ditas brutais, no contexto escolar.

Diante do exposto, este texto busca discutir o fenômeno da violência no contexto escolar e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem, por meio do diálogo com os autores anteriormente citados e da proposição de possíveis caminhos e estratégias com vistas ao enfrentamento da problemática abordada.

Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, realizada por meio da revisão bibliográfica, abordando publicações de pesquisadores que têm estudado a temática como Abramovay, Charlot, Candau e Batista, além de documentos produzidos em âmbito nacional. Com o intuito de compreender o que é o fenômeno da violência no contexto escolar e as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, os textos foram analisados a fim de identificar as discussões, contribuições e reflexões apresentadas pelos autores e evidenciar os possíveis caminhos e estratégias apontadas por eles.

Além disso, a revisão possibilitou a compreensão sobre a relevância da temática e possibilidades de novas pesquisas e aprofundamentos necessários.

Resultados e discussão

A revisão bibliográfica evidenciou, como dito anteriormente, que as situações de violência no contexto escolar não são algo recente, da mesma forma que o que é considerado como violência ganha novos sentidos e atribuições ao longo do tempo e das características das sociedades. De acordo com Abramovay (2012, p. 45), o fenômeno da violência vem “apresentando-se de forma complexa e multifacetada e tendo origem em causas diversas, de natureza social, histórica e individual”. Assim também, tem ocorrido nos espaços escolares.

A autora supracitada faz uma distinção das violências existentes no universo escolar, as quais seriam: as microviolências ou incivildades, violências simbólicas e violência dura. As primeiras, envolvem as relações sociais e, apesar de prejudicarem as atividades e rotinas dos espaços escolares, são por vezes naturalizadas. As simbólicas, de acordo com a autora, ancorada em Bourdieu, se dá por meio da utilização de símbolos, nas relações de poder que se realizam no espaço escolar. Já a violência dura, de acordo com a autora, trata-se de ações que prejudicam a integridade do sujeito, abarcando diversos tipos de agressões, por exemplo.

Ainda de acordo com Abramovay (2012), fundamentada nos dados obtidos em pesquisa de campo que contou com a realização de grupos focais com estudantes, pais e orientadora educacional, os casos de violência mais vivenciados no contexto escolar abrangem desde agressões verbais marcadas por ofensas, xingamentos, desrespeitos diversos, a casos tratados como *bullying*, expressão muito utilizada, porém com pouca clareza sobre seu conceito. Essas situações atingem a todos os sujeitos, professores, estudantes, demais funcionários, ocorrem entre eles e de uns para com os outros, prejudicando as relações interpessoais, gerando tensões, aversões e reações ainda mais problemáticas.

Muito comum também são as ameaças, sendo ou não consolidadas, elas espalham o medo e a insegurança, fazendo com que suas vítimas se sintam acuadas, se isolem

ou desistam de determinada ação ou objetivo. As agressões físicas são atos extremos e podem ser consideradas, inclusive, como uma consumação ou consequência dos outros dois tipos de violências abordados acima, seja por parte dos agressores ou num processo em que a própria vítima passa a ser um agressor, no intuito de pôr fim às violências por ela sofridas. Essa é a “forma de violência de maior visibilidade nas escolas, pela contundência dos atos praticados e por suas consequências, que, frequentemente, se traduzem em danos físicos aos envolvidos” (ABRAMOVAY, 2012, p. 52). Esse tipo de comportamento por vezes não se restringe ao espaço da escola, situações iniciadas no espaço escolar podem ser levadas para os espaços externos e vice e versa.

Os estudos apontam que, diante desse contexto, as instituições de ensino, bem como os sujeitos que dela fazem parte, necessitam estar preparados “para assumir as respectivas condições em que vivem seus alunos, criando estratégias de acesso, pertencimento, permanência e qualidade, pautadas no respeito ao outro e na inclusão de todos no processo de ensino-aprendizagem” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 28). É necessário que se atentem para as vivências dos estudantes e procurem mediar qualquer situação que possa evoluir para algum tipo de agressão, promovendo ações de mediação, escuta e diálogo dos jovens.

Com base nos autores aqui abordados, a presença das armas no espaço educativo é outra problemática preocupante, sejam as ditas armas brancas (facas e lâminas, por exemplo) ou armas de fogo, e a existência delas na escola provoca pânico, sensação de impotência e intimidação de todos. Há ainda as discriminações, de diversas naturezas, sejam elas raciais, sociais, de gênero, dentre outras, partindo dos diversos sujeitos do cotidiano escolar. Os atos discriminatórios podem ser frutos de estruturas internas à instituição ou refletir experiências e dinâmicas vivenciadas no contexto social em que vivemos (BATISTA, 2011). Sendo assim, toda e qualquer discriminação deve ser superada, trabalhada por meio do diálogo e mediação e, se necessário, ser investigada e tratada dentro das leis e normas judiciais.

Nos casos de violência, os estudantes são os mais prejudicados em todo o processo, mas pesquisas apontam que também os educadores sofrem com os atos de violência

vivenciados e não conseguem desenvolver o seu trabalho, o que acaba por refletir e gerar consequências a toda comunidade escolar. Para Abramovay e Rua (2022), entre as consequências para os alunos se destacam as dificuldades de concentração, faltas em dias letivos e desmotivação na audiência das aulas. Já para os professores são consequências “a perda do estímulo para o trabalho, o sentimento de revolta e a dificuldade de se concentrar nas aulas” (ABRAMOVAY; RUA, 2022, p. 342).

A revisão identificou possíveis caminhos para o enfrentamento do fenômeno da violência nas escolas, como as possibilidades apontadas por Abramovay e Rua (2002), Abramovay e Castro (2006) e Abramovay (2012), em diálogo com outros textos. Abramovay (2012), apresenta duas possibilidades de atuação: a promoção da Educação em Direitos Humanos; e a aproximação da escola, família e comunidade.

Sobre a Educação em Direitos Humanos (EDH), a autora aponta que sua finalidade “é a transformação social e se efetiva por meio de processos educativos que levem à construção de uma cultura de respeito aos direitos humanos e, desse modo, contribuam para o enfrentamento da violência” (ABRAMOVAY, 2012, p. 72). É importante destacar que em âmbito nacional, há documentos orientadores para a promoção da Educação em Direitos Humanos (EDH), como por exemplo, as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, homologada pelo Parecer CNE/CP Nº: 8/2012, aprovado em 6/3/2012. O referido documento destaca que para consolidar a EDH é necessário que haja “cooperação de uma ampla variedade de sujeitos e instituições que atuem na proposição de ações que a sustentam” (BRASIL, 2012, p. 2).

Além disso, o mesmo documento destaca que no que se trata da Educação Básica “a vivência da Educação em Direitos Humanos, nesse nível de ensino, deve ter o cotidiano como referência para analisá-lo, compreendê-lo e modificá-lo. Isso requer o exercício da cidadania ativa de todos/as os/as envolvidos/as com a educação básica.” (BRASIL, 2012, p.13). Na mesma perspectiva, destacamos em Candau (2009), três dimensões da EDH: 1) sujeitos de direito, a nível pessoal e coletivo; 2) empoderamento dos indivíduos; e 3) transformação social em prol da democracia e dos direitos humanos.

A segunda possibilidade discutida por Abramovay (2012) diz respeito à aproximação da escola, família e comunidade. A autora aponta que “a parceria entre elas é fundamental para que sejam superadas as incertezas e inseguranças sobre a identidade institucional e seus papéis. Portanto, escola e família têm que atuar em conjunto, para ressignificar a violência e a convivência” (ABRAMOVAY, 2012, p. 75).

A parceria entre família, escola e comunidade é uma ferramenta fundamental na/para superação dos desafios vivenciados no processo educativo, assim também ocorre com as situações de violência. A participação dos estudantes, das famílias e comunidade na organização, ações e tomadas de decisões na escola pode proporcionar o sentimento de pertença dos sujeitos àquela instituição, levando-os a compreensão sobre a necessidade de cuidado, manutenção e responsabilidade de todos para com as ações, estruturas e projetos realizados.

Por meio de ações democráticas e de mediação, a “escola propicia a prática do diálogo, diminui o sentimento de insegurança, interfere nos níveis de violência e pode promover uma atmosfera pacífica, além de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 71), resgatando e reforçando seu papel formativo e social.

Promover a Educação em Direitos Humanos e a aproximação entre escola, família e comunidade são indissociáveis, partem do princípio de assegurar a dignidade humana e o exercício da democracia. Nesse processo, de acordo com Abramovay (2012, p. 80), “é no cotidiano que as escolas procuram enfrentar a violência a que estão sujeitas, buscando mudar para melhor. Os caminhos dessa busca são múltiplos e plurais, contendo grande riqueza de potencialidades, mas também muitas limitações”.

A pesquisa reiterou que os problemas vivenciados no contexto escolar são os mais variados, sofrem influências de diversos meios, das mazelas sociais e da política de ausências a qual nossa sociedade é refém em diversos setores. Os caminhos apontados pelos autores abordados são possíveis, porém complexos e exigem a sensibilização dos sujeitos e da prática da coletividade entre os indivíduos que constituem a comunidade escolar e os demais segmentos da sociedade civil e política.

Conclusões

A pesquisa demonstra que o fenômeno da violência no contexto escolar, apesar de não ser recente, é algo que provoca inúmeras implicações e prejuízos no processo de ensino e aprendizagem, bem como no cotidiano das instituições e no desempenho dos sujeitos que compõem o espaço educativo. Além disso, evidencia que continua sendo uma temática atual, que requer novos estudos, aprofundamentos e encaminhamentos diversos, no âmbito acadêmico, político e social.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2012.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.
- BATISTA, Joice Duarte. Conceito de violência escolar: desafios e impasses. Anuário do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos/UFG.
- Pensar os direitos humanos: desafios à educação nas sociedades democráticas**. v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/0103_2011x.pdf. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.
- BRASIL. PARECER CNE/CP Nº: 8, de 06 de março de 2012. **Homologa as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2023.
- CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n. 1, p. 65-82, jan./jun. 2009.
- CHARLOT, Bernard. Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 4